

CULTURA, DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO ETNOMATEMÁTICA

Marcos Lübeck
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
marcos.lubeck@unioeste.br

Resumo:

O objetivo principal deste artigo é abordar conceitos como cultura e diversidade, face a holística da educação etnomatemática, expondo ideias sobre ambas para que sejam contempladas na formação de professores de matemática. Uma atividade necessária, pois a arena de atuação docente está repleta de pluralidade, e mais do que somente conhecer alguns conteúdos disciplinares, os professores precisam desenvolver a consciência de que seu trabalho submeterá muitos à aculturação, uma das sequelas dos atuais sistemas de escolarização homogeneizadores. Assim, considerando a heterogeneidade presente nas salas de aula, cabe aos professores respeitar todo ser/saber/fazer/conviver dos alunos, isto é, estes devem reconhecer a sua diversidade e cultura, para que não ministrem simplesmente uma aula para todos, mas sim para cada um, atendendo reciprocamente os anseios educacionais da coletividade.

Palavras-chave: Cultura. Diversidade. Etnomatemática. Formação de Professores.

Introdução

Cultura é o que as pessoas têm e é o que as pessoas são; é o que elas recebem quando aqui chegam e é o que deixam quando se vão. Cultura é nascer e perecer num tempo e lugar, mas é, antes de tudo, viver e perpetuar. Poético! Entretanto, não falaremos de poesia, e esta ficará de lado e o tema abaixo abordado fulgirá à luz da teoria. Falaremos sim de cultura, de diversidade e de educação etnomatemática, pensando, naturalmente, na humanidade futura, na heterogeneidade e na formação pragmática.

O texto é bastante teórico e seu desígnio peculiar, ao ponto de deixar eufórico aquele que realmente quer educar. Este deverá, no entanto, a mercê do seu encanto, estar aberto à leitura, pois a reflexão é bem mais dura, para quem não tem a ideia madura, acerca do reduto escolar. O enfoque será holístico, um jeito característico de pensar a educação, assim como a formação, de quem um dia aspira ensinar.

Dada a palavra inicial, cabe ao leitor agencioso, se agora estiver ocioso, de seguir até o final. Mas se assim não estiver, devido algum imprevisto, o texto estará sempre listo, para que leia quando puder.

Teorização

Tarefa árdua é sintetizar em poucas palavras a noção de cultura. Se a encontramos por aí, facilmente a reconhecemos. Difícil mesmo é apresentar ela num conceito unificante, pois a cultura consegue ser dinâmica já nas suas concepções teóricas primordiais.

Essa dificuldade encontra sua causa fundamental nas múltiplas acepções do termo ‘cultura’, que podem se distribuir esquematicamente entre duas famílias de significados: a que designa as obras e os gestos que, em uma sociedade dada, se subtraem às urgências do cotidiano e se submetem a um juízo estético ou intelectual e a que aponta as práticas comuns através das quais uma sociedade ou um indivíduo vive e reflete sobre sua relação com o mundo, com os outros ou com ele mesmo. (CHARTIER, 2010, p. 34).

Por isso, com Vergani (1995) compactuamos que, “falar de cultura é expormo-nos a um saboroso exercício de desentendimento social” (p. 23). Entretanto, assumimos, *a priori*, que a “cultura é a atualização de uma potencialidade do ser humano, num lugar bem determinado da terra e num momento bem determinado da história” (NICOLESCU, 1999, p. 115). Isso nos remete aos aspectos específicos de uma dada realidade e abrange desde um ser/saber/fazer/conviver bem peculiar até ideias e crenças mais profundas de um fragmento ínfimo da humanidade.

Talvez por isso, D’Ambrosio (2004) conceitue “cultura como o conjunto de mitos, valores, normas de comportamento e estilos de conhecimento compartilhados por indivíduos vivendo num determinado tempo e espaço” (p. 21). Dito de uma outra maneira, a cultura por ser constituída por estruturas, atitudes, posturas, códigos, tradições, religiões, fé, símbolos etc., “é o substrato dos conhecimentos, dos saberes/fazeres e do comportamento resultante, compartilhado por um grupo, comunidade ou povo” (D’AMBROSIO, 2007, p. 25).

Outrossim, as concepções sobre cultura sintetizadas por Santos (1986) mostram que, por um lado, a “[...] cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade” (p. 24). Por outro lado, advertem que, “[...] quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social” (p. 24-25).

Além disso, Santos (1986) fala que a “cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social [...]. A cultura é um produto coletivo da vida humana [...], um território bem atual das lutas sociais por um mundo melhor” (p. 45).

Neste sentido, White e Dillingham (2009) enfatizam que “a função da cultura é servir às necessidades do homem, internas e externas, para tornar a vida segura e duradoura” (p. 105), pois a “cultura é o que vai permitir a vida em sociedade” (D’AMBROSIO, 2007, p. 25).

Além disso, Freire (2009) lembra que “todos os povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam” (p. 75). Aliás, para este autor, a “cultura são os instrumentos que o povo usa para produzir. Cultura é a forma como o povo entende e expressa o seu mundo e como o povo se compreende nas suas relações com o seu mundo” (p. 76). E, para Lima (2008), “a cultura é, portanto, o primeiro sonho acordado do homem. A cultura é a natureza humanizada pelo homem” (p. 18).

Seguindo nesta direção, Freire (2008) enuncia também que a “cultura é tudo o que é criado pelo homem [...]. A cultura consiste em recriar e não em repetir” (p. 30-31). Consiste antes em exercitar a sua mais peculiar potencialidade. Essa potencialidade é a capacidade de criar e recriar dos seres humanos, agregando experiências, criações e recriações ligadas aos homens no seu espaço – lugar da terra – e tempo – história –, de hoje e de ontem, daqui e ali, no mundo em que vivem.

Com efeito, constatamos ainda que:

A cultura move-se no tempo, e passa de geração em geração, como uma herança recebida dos ‘pais’, e torna-se tradição. Esta dinâmica é própria da cultura em geral e encontra-se em todas as suas variantes. Por outras palavras, a cultura e todas as suas expressões são história. (BERNARDI, 1997, p. 79).

Por ser dinâmica, mover-se no tempo e ser história, a cultura é perene, apresentando-se em constante metamorfose, num vir a ser, numa atualização. Consensualmente, atualizar significa transformar em ato algo que já existe em potência (NICOLESCU, 1999); daí que “a cultura só é enquanto está sendo” (FREIRE, 1980, p. 54). De fato, podemos conferir que

[...] cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (LARAIA, 1997, p. 105).

Nestes termos, importa destacar que “[...] as relações entre indivíduos de uma mesma cultura (intraculturais) e, sobretudo, as relações entre indivíduos de culturas distintas

(interculturais) representam o potencial criativo da espécie” (D’AMBROSIO, 2007, p. 28). Realmente, os seres humanos não vivem sós, e as suas formas de viver e suas faculdades criativas dependem da aderência à alguma cultura. Além disso, é notável que:

A cultura entendida como um sistema de comportamentos socialmente (e não geneticamente) transmitidos, apresenta-se sob forma de herança de valores tradicionais que não só são produtos da ação humana, mas que condicionam o desencadear de novas atividades sociais sujeitas a processos de seleção ao longo da história. (VERGANI, 1995, p. 23).

Empregando uma figura de linguagem moderna, podemos dizer que o ser humano concebe o mundo por uma lente chamada cultura, ou seja, “[...] a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas” (LARAIA, 1997, p. 69). E mais:

O estudo da cultura assim compreendida, volta-se para as maneiras pelas quais a realidade que se conhece é codificada por uma sociedade, através de palavras, ideias, doutrinas, teorias, práticas costumeiras e rituais. O estudo da cultura procura entender o sentido que fazem essas concepções e práticas para a sociedade que as vive, buscando seu desenvolvimento na história dessa sociedade e mostrando como a cultura se relaciona às forças sociais que movem a sociedade. (SANTOS, 1986, p. 41).

Aqui, convém salientar que nem tudo é tranquilo na dinâmica dos encontros entre diferentes culturas, especialmente no que concerne às forças que operam na ditas sociedades globalizantes e contemporâneas, haja vista que “uma cultura é a expressão temporal de um ponto de vista singular e irreduzível sobre o mundo” (VERGANI, 1995, p. 24). E isso leva ao seguinte condicionamento:

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada de etnocentrismo, é responsável, em seus casos mais extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. (LARAIA, 1997, p. 75).

Essas contestações apontam que “todo sistema cultural tem a sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro” (LARAIA, 1997, p. 90). Note que, “denomina-se etnocentrismo a vocação para julgar as diferenças a partir de sua própria cultura” (CLASTRES, 1982, p. 55). Isso quer dizer que o “etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de

tudo, e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência” (ROCHA, 2007, p. 7).

Contudo, “o problema do etnocentrismo surge quando um grupo social se reclama detentor de uma superioridade incontestável que o impede de se situar numa perspectiva igualitária de reciprocidade dialogal” (VERGANI, 1995, p. 29). Via de regra, a outra cultura é tomada como se estivesse em uma posição de inferioridade. Factualmente, em locais onde ocorrem vários conflitos, é requerida uma intensa atenção à diversidade de culturas, pois:

Tomada apenas como tal, a diversidade de culturas não poria outro problema para além do fato objetivo desta diversidade. Nada impede, com efeito, que culturas diferentes coexistam e prevaleçam entre elas relações relativamente tranquilas [...]. Enquanto se consideram simplesmente diversas, as culturas podem voluntariamente ignorar-se, ou considerar-se como parceiras para um diálogo desejado. Num ou noutro caso, elas ameaçam-se e atacam-se por vezes, mas sem porem verdadeiramente em perigo as suas existências respectivas. A situação torna-se completamente diferente quando, à noção de uma diversidade reconhecida por ambas as partes, se substitui, numa delas, o sentimento da sua superioridade, baseado em relações de força e quando o reconhecimento positivo ou negativo da diversidade das culturas dá lugar à afirmação da sua desigualdade. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 26-27).

Da mesma forma, compreendemos que:

A cultura envolve não só uma concepção de mundo que se traduz em conhecimentos e configurações de ação, mas o travejamento de um pensar e um sentir articulado num sistema dinâmico de significações simbólicas. As estruturas conceptuais forjadas por uma dada sociedade, fazem-na habitar o mundo de representações que elaborou, e criam simultaneamente a sua realidade nuclear específica. A originalidade desta identidade fundamenta a relatividade cultural e a igual dignidade das diferentes culturas, que se não podem hierarquizar em nenhuma escala linear que permita classificá-las segundo graus superiores ou inferiores. (VERGANI, 1995, p. 24).

E como fica isso no âmbito das escolas e nas salas de aula, onde os professores de matemática ambicionam ensinar muitos conteúdos disciplinares inauditos para um número incalculável de alunos que personificam a própria diversidade de culturas? Há algum tempo estamos pensando nisso (LÜBECK, 2013, LÜBECK; RODRIGUES, 2013), mas as respostas esperadas para a dita pergunta não são simples de serem dadas, mesmo porque:

A escola tem uma inquietante função homogeneizadora. Currículo idêntico para todos, espaços iguais para todos, avaliações similares para todos. Dá a

impressão de que se pretende alcançar um indivíduo estandardizado e arquetípico que responda aos mesmos padrões de conduta, que tenha os mesmos conhecimentos e que pratique a mesma forma de pensar [...]. A escola deveria ser uma encruzilhada de culturas, porém se encontra com o problema de que nela se instala uma cultura hegemônica que tende à homogeneização. (SANTOS GUERRA, 2003, p. 203, tradução nossa).

Com efeito, na escola prevalece a diversidade. Porém, não somente a diversidade de culturas. Há a diversidade de habilidades, competências, motivações, perspectivas, modos de aprendizagem, necessidades educacionais, carências, estilos de vida etc. E para atender toda essa diversidade, é imprescindível trabalhar as percepções e as atitudes dos professores, rotineiramente habituados a ministrarem uma aula homogeneizadora, que pretende como produto final um alunado estandardizado, de espectro único, por assim dizer, que pouco de original poderá oferecer se sobreviver ao término do processo.

Nisto aporta a educação etnomatemática, a qual vincula os componentes – artefatos e mentefatos – das culturas às suas ações educativas, transcendendo as experiências mortas da cultura hegemônica atual, o que é muito desconcertante para quem só gosta de metodologias rígidas e conteúdos estanques. Nesse sentido, “a *educação etnomatemática* – lidando com a inteireza racional, psíquica, emocional, social e cultural do homem – é uma postura criativa que ecoa a diferentes níveis e segundo diferentes graus de profundidade” (VERGANI, 2007, p. 42, grifo da autora), sendo, ainda, “uma educação para o ambiente” (p. 45), que assume posturas voltadas à uma sociedade cada vez mais transcultural.

Esclarecendo melhor, entendemos que o radical *trans* remete e perpassa ao que está entre, através e além. No contexto cultural, temos que:

O transcultural designa a abertura de todas as culturas àquilo que as atravessa e ultrapassa. [...]. Esta percepção daquilo que atravessa e ultrapassa as culturas é, a princípio, uma experiência irreduzível a qualquer teorização. Porém, ela é rica em ensinamentos para a nossa própria vida e para a nossa ação no mundo. Ela nos indica que nenhuma cultura constitui o lugar privilegiado a partir do qual possamos julgar as outras culturas. (NICOLESCU, 1999, p. 114-115).

Nestes termos, a educação etnomatemática, transcultural, transdisciplinar, holística e inclusiva, é criativa por ser aberta para todos os tipos de conhecimentos. E mais:

[...] é criativa na sua própria metodologia que atende ao estudante enquanto sujeito holístico, isto é, não castrado das suas capacidades de intuir e de sentir ao longo do processo do seu desenvolvimento [...]; é criativa a nível

de transformação qualitativa de pretende operar ao desenvolver uma práxis com efeitos benéficos no domínio da significação (bem estar) sociocultural; [buscando a:] superação do desequilíbrio causado pela fragmentação disciplinar [...]; expressão/ação alicerçada não só nas capacidades intelectuais do indivíduo quanto na sua vontade e na sua imaginação [...]; produção de pensamento racional e de sentido humano. (VERGANI, 2007, p. 43).

Eis a seriedade de investigar e conhecer as culturas dos alunos. Lembremo-nos que estudantes e professores com lentes culturais diferentes podem ter visões desencontradas dos fatos. Por isso, a aceitação e o reconhecimento recíproco é tão importante. Se um mestre respeita e coopera com os seus aprendizes, prontamente receberá o mesmo tratamento. Mas para tal, o professor, desde a formação inicial, deve se dispor ao exercício da pesquisa acerca do outro, isto é, do ser/saber/fazer/conviver de culturas outras que não a sua.

É claro que alguns professores podem argumentar que os sistemas de escolarização os impedem de levar à cabo tal ação. Contudo, estes devem reconhecer que eles também são os sistemas, eles representam os sistemas e os colocam em funcionamento todo dia de aula. Ou existe algum sistema de escolarização sem os professores? Pensamos que não! Assim como não há sistemas de escolares sem alunos! Logo, segundo Vergani (2007), “o professor de matemática não poderá se isolar das variáveis que gravitam em torno da educação em geral e que irradiam em várias direções [...]” (p. 32). Muito auspicioso e bem plausível!

Acontece que tem muito professor atuando nos espaços escolares bastante satisfeitos com os currículos únicos, com as bases nacionais curriculares, com as diretrizes nacionais e estaduais, ignorando que toda gente é detentora de uma cultura própria, especialmente em países continentais, cheios de refugiados, imigrantes, pessoas de origens e classes diversas, as quais são obrigadas por lei a se escolarizar, tendo que se conformar com as barbaridades impostas unilateralmente e à sua revelia.

Daí, segue também que, com obviedade:

O sistema educativo ocidental, não podendo continuar a ignorar os problemas gerados por alunos de origens heterogêneas, tem procurado encontrar soluções capazes de mitigar tais conflitos. *Estas soluções põem naturalmente em causa um tipo de ensino etnocentrista, monocultural ou simplesmente racista.* (VERGANI, 1995, p. 37, grifo da autora).

Lembrem-se aqui que todos tem cultura, porém a maioria não está representada nesse modelo homogeneizante. Por um lado até que é bom, porque uma multidão de pessoas não compactua com algo que seja etnocentrista, monocultural e racista. Por outro lado, o não fazer

parte também é a causa disso. Logo, é mister superar esta realidade, pensando a partir de uma perspectiva igualitária e de reciprocidade dialógica, dirimindo conflitos, atenuando as exclusões, as desigualdades, superando preconceitos, compreendendo e aceitando o diverso.

Isso é importante e todos precisamos participar, até porque a cultura é dinâmica, e mesmo quem se acha impossibilitado de mudar, pode mudar. Contudo, deve se predispor à atualizar-se. E essa atualização se faz necessária e os professores sabem bem disso, pois vivem repetindo que os alunos de hoje não são mais os mesmos de ontem e quiçá não serão os mesmos de amanhã. Ainda bem. Se fossem, algo estaria muito mais errado do que já é.

Igualmente, sabemos que é na dinâmica dos encontros culturais que o conhecimento floresce, que o novo é criado e o inútil superado; que é no encontro das culturas dos alunos e professores que a mágica da criatividade acontece. Eis um valor do respeito pelas maneiras próprias de ser e de viver, de saber e de fazer das pessoas. Por isso, é essencial, dentre outras ações, “a formação de professores (ou educadores) capazes de assumirem a responsabilidade de criar um meio benéfico para o desenvolvimento das crianças [inclusive jovens e adultos] de qualquer origem cultural” (VERGANI, 1995, p. 37).

Contudo, afastar-se da comodidade assusta, causa temor, insegurança, provoca outras necessidades até então desnecessárias, requer mudanças, compromete o conforto, mas anima o pensamento, impulsiona o estudo, enfim, conscientiza. E isso é muito bom, pois:

Outro problema que se põe é o profundo desconhecimento que os educadores em geral têm das múltiplas componentes que caracterizam as diferentes culturas com que lidam. Embora sejam formados para uma compreensão genérica [...], interessam-se mais pelos efeitos da conjugação das culturas do que pelas singularidades que as distinguem. (VERGANI, 1995, p. 39).

Esta é uma oportunidade para pensar não mais em um ensino singular, ou melhor, uma educação escolar, mas em educações, no plural e sentido lato, levando em conta mais as especificidades e menos as generalidades. Educações indígenas, urbanas, quilombolas, rurais etc., todas inclusivas e matemáticas. De fato, em todas as culturas há artes e técnicas para matematizar, pois esta é uma capacidade universal, contudo, a maneira de fazê-la é distinta. Então, por que impor um único *modus operandi*, uma só axiomática ou mesmo matemática para todos os alunos? Por que a nossa cultura seria melhor que as outras? Como vimos, não podemos comparar ou dar algum grau de superioridade ou de inferioridade às culturas. Mas fazemos isso muitas vezes, tanto pelo ensino impositivo quanto nas avaliações coletivas.

Nos falta, à princípio, um conhecimento sobre a cultura dos alunos, mas isso só será conseguido se ele puder se expressar. Portanto, convém deixá-lo se expor, dando-lhe espaço e tempo para que se apresente, desenvolva suas capacidades criativas e imaginativas, para que se manifeste livre e espontaneamente, poupando-o de censuras austeras e traumáticas. O intento aqui é deixar de olhar apenas para as mesquinhas relações humanas e focar em dimensões maiores, como a dignidade e a manutenção da vida. Para tal, precisamos parar de fazer drama ao pensar que o sucesso exclusivamente se dará à quem souber usar bem a nossa matemática escolar.

Daí que os estudantes sejam sempre mais importantes do que currículos ou métodos de ensino; que o conhecimento não possa ser dissociado da plenitude humana, nem do aluno nem do formador; que tanto a paz pessoal como a paz ambiental, social e cultural sejam corolários de um posicionamento correto face à vida, face ao conhecimento e face ao cosmos. (VERGANI, 2007, p. 32).

Esse é um compromisso ético, de respeito, solidariedade e cooperação, para com a cultura e a diversidade humana, abertamente contra a unidimensionalidade do ensino.

Conclusão

Por fim, gostaríamos de trazer uma última palavra, dizendo que “a cultura é aquilo que torna o todo (social) alegremente maior que a soma das partes” (VERGANI, 1995, p. 25). Sensato, pois do contrário, a hegemonia e a homogeneização teriam triunfado. Entretanto, não faltam esforços para que heterogeneidade desapareça diante da aculturação velada pelos processos ditos educativos. E sobre isso devemos versar mais algumas linhas.

Segundo Bernardi (1997), conceitualmente falando, “ao processo educativo pelo qual os membros duma cultura se tornam conscientes e coparticipantes da própria cultura dá-se o nome de enculturação” (p. 92). Outrossim, “enquanto a enculturação diz respeito à dinâmica interna duma cultura particular em relação aos seus membros, a aculturação refere-se às relações existentes entre as demais culturas e aos efeitos que derivam do seu contato” (p. 99). Sintetizando, “entende-se por aculturação o conjunto de fenômenos que resultam da adoção de outros traços culturais, ou da transformação de costumes tradicionais, sob a influência de uma nova situação criada pela interação social” (VERGANI, 1995, p. 48).

E um exemplo bem claro que se tem de um ambiente de aculturação é a escola, com suas salas de aula, regulamentos e disciplinas, incluindo-se aí a matemática. Quantos não são os que, ao saírem da escola, param e dizem que ele, nós mesmos, eu, enquanto aluno, “não passa de uma fortuita manta de retalhos provenientes de toda a parte e de parte alguma. [...] Eu cresci sem nada a que pudesse manter-me fiel... Todos os dias tenho que me reinventar a mim próprio” (NAIPUL *apud* VERGANI, 1995, p. 48), para viver, até porque, a vida flui...

Referências Bibliográficas

BERNARDI, B. **Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos**. Trad. A. C. Mota da Silva. Lisboa: Ed. 70, 1997.

CHARTIER, R. **A História ou a Leitura do Tempo**. Trad. C. Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CLASTRES, P. **Arqueologia da Violência**: ensaio de antropologia política. Trad. C. E. M. Moura; Nota B. Prado Jr. São Paulo: Brasiliense, 1982.

D'AMBROSIO, U. Um Enfoque Transdisciplinar à Educação e a História da Matemática. In: BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. C. (org.). **Educação Matemática**: pesquisa em movimento. São Paulo: Cortez, 2004, p. 13-29.

_____. **Educação Matemática**: da teoria à prática. 14. ed. Campinas: Papirus, 2007.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Trad. R. D. Oliveira; Pref. J. Chonchol. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. **Educação e Mudança**. Trad. M. Gadotti, L. L. Martin; Pref. M. Gadotti. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se complementam. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LÜBECK, M. **Utopia e Esperança**: do mito da terra sem males à educação etnomatemática. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2013, 185 f.

LÜBECK, M.; RODRIGUES, T. D. Incluir é Melhor que Integrar: uma concepção da Educação Etnomatemática e da Educação Inclusiva. **Revista Latinoamericana de**

Etnomatemática, v. 6, n. 2, jun.-set., 2013, p. 8-23. Disponível em:
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274028386002>. Acessado em: 15 ago. 2017.

LÉVI-STRAUSS, C. **O Olhar Distanciado**. Lisboa: Edições 70, 1996.

LIMA, L. C. R. **Genealogia Dialética da Utopia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Trad. L. P. Souza. São Paulo: Triom, 1999.

ROCHA, E. G. **O Que é Etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANTOS, J. L. **O Que é Cultura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS GUERRA, M. A. El Lecho de Procusto: organización escolar y atención a la diversidad. In: SANTOS GUERRA, M. A.; BELTRÁN DUARTE, R. (coord.). **Conocimiento, Ética y Esperanza**. Málaga: Eduma, 2003, p. 191-211.

VERGANI, T. **Excrementos do Sol**: a propósito de diversidades culturais. Lisboa: Pandora, 1995.

_____. **Educação Etnomatemática: o que é?** Natal: Flecha do Tempo, 2007.

WHITE, L.; DILLINGHAM, B. **O Conceito de Cultura**. Trad. T. D. Carneiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.